



AWARE
INVESTMENTS

CARTA AWARE

Setembro/2020

CENÁRIO POLÍTICO E MACROECONÔMICO

GLOBAL

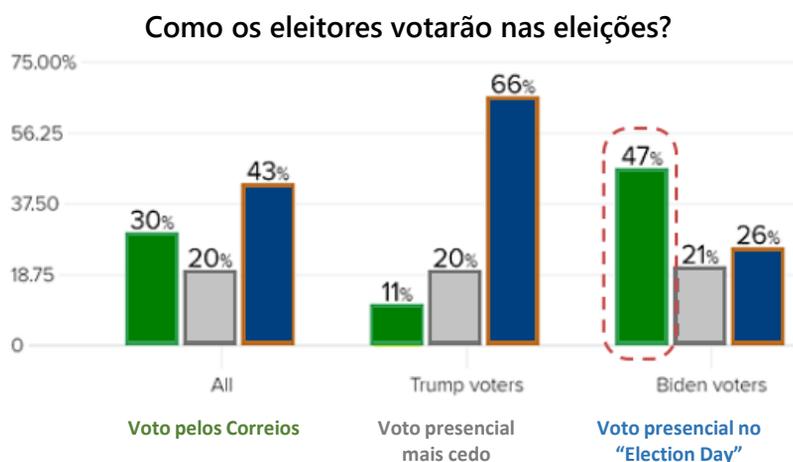
ESTADOS UNIDOS

Com a população atenta às movimentações eleitorais, o mês de setembro para os norte-americanos foi ilustrado pelo “pior debate presidencial da história”, sendo a cereja do bolo a contração do coronavírus por Donald Trump.

Apesar das pesquisas apontarem leve vantagem de Biden sobre Trump, o cenário se assemelha à 2016, quando tudo e todos apontavam vitória de Hilary Clinton e no fim das contas Trump acabou na Casa Branca.

Fatores determinantes nas eleições podem ser o temor do mercado em relação à Biden e um aumento nos impostos, além de uma política “anti-Trump”, algo mal visto por grande parte dos eleitores em estados cruciais, como no Texas. O Senado pró Trump também deve ter influência nos rumos da Casa Branca.

Em relação aos próximos passos na economia, há o otimismo pela aprovação do pacote de estímulos fiscais, tendo inclusive sido consultado ao FED pela presidente da Câmara dos Deputados, Nancy Pelosi, e pelo Secretário do Tesouro, Steven Mnuchin, acerca da postura a ser tomada. Mnuchin afirmou ainda que prevê forte recuperação da economia estadunidense em 2021.



Fonte: NBC News/Wall Street Journal

CENÁRIO POLÍTICO E MACROECONÔMICO

GLOBAL

EUROPA

No Velho Continente, o corona vírus voltou a assombrar nações como França e Espanha, que retroagiram e reestabeleceram rigorosas medidas de isolamento social. Apesar do temor em relação ao vírus, a OCDE prevê recessão menos severa, apesar de um crescimento econômico modesto na Europa em 2021.

No Reino Unido, Boris Johnson indica não estar desesperado por um acordo póstumo ao Brexit com a União Europeia, afirmando que podem “prosperar poderosamente” mesmo sem tal acordo comercial. Apesar disso, Johnson abertamente está negociando intensamente o mesmo acordo com a presidente da Comissão Europeia, Ursula Von der Leyen, além de se estar estudando no governo britânico um novo pacote de estímulos econômicos.

Na Alemanha, a cautela prevalece. No BC alemão, há uma previsão de uma recuperação “demorada e incompleta por algum tempo”.

Do outro lado do continente, no extremo leste europeu, a notícia de que a vacina para o covid-19 já está sendo distribuída à população na Rússia acabou por ficar em segundo plano diante do estopim de uma guerra na região de Nagorno-Karabakh, fronteira entre Armênia e Azerbaijão, reavivando conflitos entre as duas nações ex soviéticas.

Ainda no leste europeu, o governo de Ancara na Turquia enfrenta uma repercussão negativa após investidas econômicas ilegais em zonas econômicas na Grécia e no Chipre. Líderes europeus pregam o diálogo mas sanções não estão descartadas se houver violação do direito internacional.

Segunda onda de casos, mas não de óbitos

(casos e óbitos por milhão de habitantes | Alemanha, França, Itália, Espanha e UK | média móvel 7d)



Fonte: Bloomberg

GLOBAL

ÁSIA

Apesar do otimismo pela aprovação do pacote de estímulos nos EUA, bolsas asiáticas fecham o mês em queda seguindo tendência mundial de apreensão à uma segunda onda do covid-19.

China

Os chineses parecem ter anulado as consequências do corona vírus, sendo a única potência econômica a crescer mesmo com a pandemia, com previsão de crescimento de 1%, confirmando recuperação em V.

Visando impulsionar a economia, o governo chinês prepara um novo plano quinquenal para estimular o consumo interno.

No combate ao Covid-19, a Covax teve lotes vendidos para mais de 150 países, tendo como exceção um EUA em guerra comercial e curiosamente a própria China.

Índia

Indianos não devem ter futuro fácil como seus vizinhos chineses. Além de ter superado as 100 mil mortes pelo vírus, as projeções indicam que a economia indiana será uma das mais afetadas pela pandemia.

Como se uma devastação econômica não fosse suficiente, houve ainda um imbróglio político na região do Himalaia, na fronteira com a China, pela “violação” de um cessar-fogo de décadas na região por um conflito na base de paus e pedras.

Japão

A grande notícia do mês para os japoneses foi a renúncia de Shinzo Abe por motivos de saúde, deixando uma lacuna que seu sucessor, Yoshihide Suga, não tem força política para suprir. O temor de que Suga não conseguirá aprovar reformas estruturais primordiais para o desenvolvimento da economia japonesa em meio a um cenário pandêmico resulta em uma forte instabilidade política.

Ainda em relação à economia, o Japão teve sua maior retração econômica desde a Segunda Guerra nesse período de pandemia mundial.

ORIENTE MÉDIO

Seguindo os passos dos Emirados Árabes, o Bahrein também reconheceu a legitimidade de Israel, caminhando em direção à paz na região.

Em contrapartida, as incertezas na relação entre Emirados Árabes e Irã ainda causa um receio de conflitos.

DOMÉSTICO

Apesar da expectativa pelo avanço de pautas importantes na economia, Jair Bolsonaro não cansa de frustrar os planos do ministro Paulo Guedes.

Além de interromper o projeto do Renda Brasil, reestruturá-lo como Renda Cidadã e não demonstrar de onde sairão os recursos para tal projeto social, Bolsonaro conseguiu tornar turbulenta a negociação com o Congresso para as reformas administrativa e tributária, além do novo Pacto Federativo.

O mercado terminou o mês com o temor pela não aprovação dos projetos e a falta de união interna no governo, ilustrada pelo desentendimento público de Paulo Guedes com o ministro do desenvolvimento, Rogério Marinho.

Para consagrar a derrocada do Ibovespa, houveram ainda alfinetadas públicas entre Guedes e Rodrigo Maia, o fantasma do teto de gastos públicos assombrando o governo e o Rio de Janeiro se tornando uma “faixa de gaza política”, tendo seu governador “impeachmentado” e o prefeito da capital se tornado inelegível. No linguajar popular, o estado se tornou “terra de ninguém. Assim, o Ibovespa que sonhava em superar os 103 mil pontos terminou o mês abaixo dos 95 mil pontos.

Acerca do investimento estrangeiro, mais uma derrota. R\$15,2 bilhões foram retirados do país, caindo 85% em agosto, atingindo o menor nível de investimento direto desde 2006.

Questões ambientais também foram manchete internacional, com Ricardo Salles tentando flexibilizar a destruição de áreas protegidas de manguezais e Bolsonaro negando a irresponsabilidade de seu governo para com as queimadas em nível recorde no pantanal. A resposta veio prontamente, com Biden sinalizando relação problemática se eleito com o governo Bolsonaro.

Um mês para esquecer, tanto para o governo como um todo, quanto para Jair Bolsonaro, que viu sua ascendente popularidade ter uma queda após meses de alta.

No tocante ao covid-19, a total falta de rumo e planejamento (esperados após o esvaziamento do ministério da saúde), continua com altos índices mortais e de contaminação, apesar de uma aparente estabilidade.

Para não dizer que setembro foram 30 dias desperdiçados, em Alagoas houve o primeiro leilão de concessão sobre o saneamento público na capital, Maceió, e os resultados superaram as expectativas do BNDES e do próprio governador de Alagoas, com a BRK Saneamento, controlada pela canadense Brookfield, saindo vitoriosa com uma oferta de R\$2 bilhões. O novo marco regulatório do saneamento já prometia revolucionar o setor, após o ocorrido em Alagoas as expectativas não poderiam ser mais altas.

PERSPECTIVAS

Brasil

Apesar de sair derrotado do mês de setembro, o governo deve em outubro procurar se nortear e tentar acelerar a aprovação das reformas no Congresso.

O esclarecimento das captações para os projetos sociais são primordiais para que Bolsonaro não corra o risco de ser culpado de crime de responsabilidade por ultrapassar o teto de gastos.

Quanto ao corona vírus, nada indica uma mudança de postura do governo, enquanto estados procuram se resguardar com acordos para compra das vacinas chinesa e russa.

Para o mês de outubro, os temores fiscais no Brasil e idas e vindas da política, cuja a polaridade deverá se intensificar nas eleições municipais e estaduais, deverão manter a volatilidade alta.

No mercado interno, entendemos que o início da temporada de resultados do 3T20 no final de outubro poderá trazer alívio ao índice Ibovespa, com a expectativa de bons resultados, contribuindo para a confirmação da retomada em V, principalmente de alguns players do setor financeiro, cujo peso no índice é relevante.

Lamentavelmente, entretanto, enxergamos que o governo atual deverá manter sua característica de pequenas e constantes crises enquanto não houver uma definição para o programa que irá substituir o Bolsa Família.

O Ibovespa deve seguir irregular, espelhando cenário mundial de apreensão à segunda onda do Covid-19.

Exterior

Apesar do tropeço da vacina de Oxford, as potências mundiais continuam a se blindar contra o vírus, com os mercados seguindo pessimistas.

Acreditamos que a volatilidade continuará elevada devido as consequências de uma segunda onda de contaminação de coronavírus e devido à disputa presidencial americana, cujo pontapé inicial foi dado no debate entre Trump e Biden no dia 29/9. A corrida eleitoral nos EUA se encontra cada vez mais perto e o mês de outubro será decisivo para uma definição do resultado em novembro.

Na Europa, os mercados devem seguir em baixa devido ao vírus. Recuperação econômica e volta à normalidade ainda devem ser sonhos distantes.

Na Ásia, a impressionante recuperação chinesa deverá contrastar com o caos político no Japão e o cenário apocalíptico na Índia, resultando em uma indefinição do mercado.

MERCADOS

BOLSAS

Em setembro o Ibovespa desvalorizou 4,8%, o que representa uma queda de 18,2% no ano. O mês foi marcado pelo retorno dos ruídos políticos, com a apresentação do programa "Renda Cidadã". O projeto foi mal recebido pelo mercado já que o uso de recursos do Fundeb e precatórios para financiamento do programa foi interpretado como uma pedalada fiscal, visando furar o teto de gastos.

Com o cenário político negativo e o problema fiscal, o fluxo estrangeiro da B3 foi negativo em R\$ 2,4 bilhões nos mercados primário e secundário.

Nos EUA, os índices mais relevantes também apresentaram desvalorização, motivados principalmente pela realização de lucros das ações de tecnologia e pela proximidade da eleição presidencial. Apesar da vitória do candidato Joe Biden já estar aparentemente precipitada, as incertezas persistiram em aparecer. O S&P desvalorizou 3,9% enquanto a Nasdaq desvalorizou 5,7%.



MERCADOS

JUROS

O mês foi marcado pelo aumento da volatilidade em todas as classes de ativos, especialmente na curva de juros futura, com a percepção de um aumento de risco com a questão fiscal, dúvidas em relação a capacidade política do governo na relação com o congresso e exigência do mercado em cobrar maiores prêmios no refinanciamento da dívida pública federal.

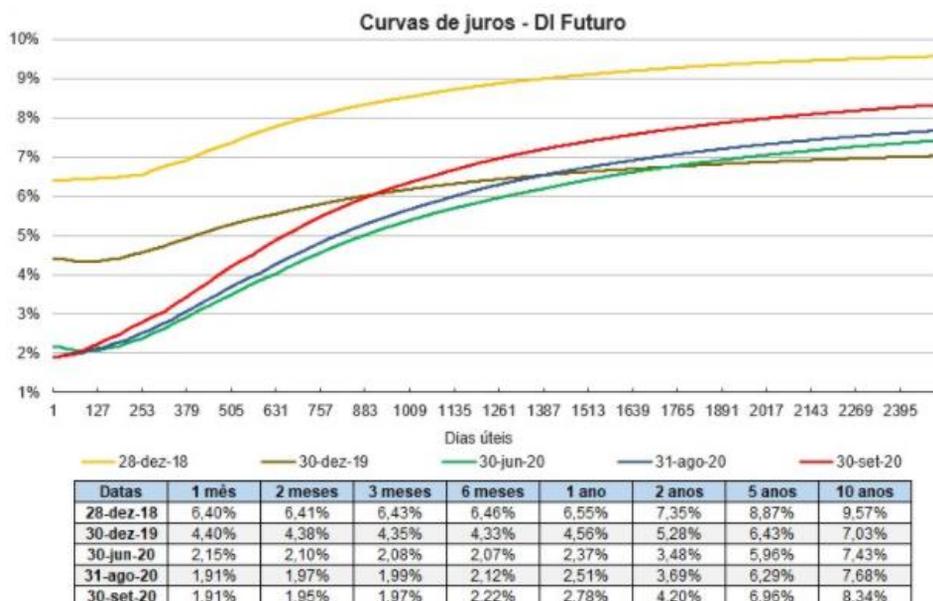
Os leilões do Tesouro Nacional ficaram marcados pela redução de demanda dos investidores por títulos soberanos, e com isso o spreads entre as taxas e os contratos de derivativos (DIs) apresentaram uma abertura significativa.

A curva de juros futura apresentou abertura de taxas em todos os vértices, com maior volatilidade nos vencimentos mais longos. A inclinação da curva segue em níveis máximos e o resultado é o encarecimento do custo do crédito.

Em juros reais, com as atuais projeções de inflação e Selic do último relatório Focus, os ganhos esperados situam-se em -0,05% a.a até o final de 2020 (Selic em 2% e IPCA em 2,05%) e -0,5% a.a em 2021 (Selic de 2,5% e IPCA de 3,01%).

Com os recentes dados inflacionários pressionando a curva futura de juros desde o mês de agosto, o prêmio embutido na curva projeta juros de 5% no final de 2021 e 7,75% em dezembro de 2022, muito acima do cenário projetado pelas medianas do Relatório Focus.

Com base no estresse do mercado de juros, todos os títulos do Tesouro Nacional apresentaram desvalorização em setembro, inclusive o Tesouro Selic, que apresentou sua primeira queda mensal desde 2002.



MERCADOS

MOEDAS

Com o fluxo estrangeiro negativo e o problema fiscal do país, setembro foi mais um mês de alta para a moeda americana, com alta de 2,5% em relação ao real. A alta também foi ajudada pelos juros baixos, já que o BC manteve a taxa Selic em 2%, e no comunicado, deu a entender que o patamar atual de juros pode se manter por um tempo.

O Índice DXY, que mede a força do dólar em relação a uma cesta de moedas internacionais, subiu 2,10% no mesmo período.

Em setembro, o Euro valorizou 0,68%, enquanto a libra se desvalorizou 0,40%.



MERCADOS

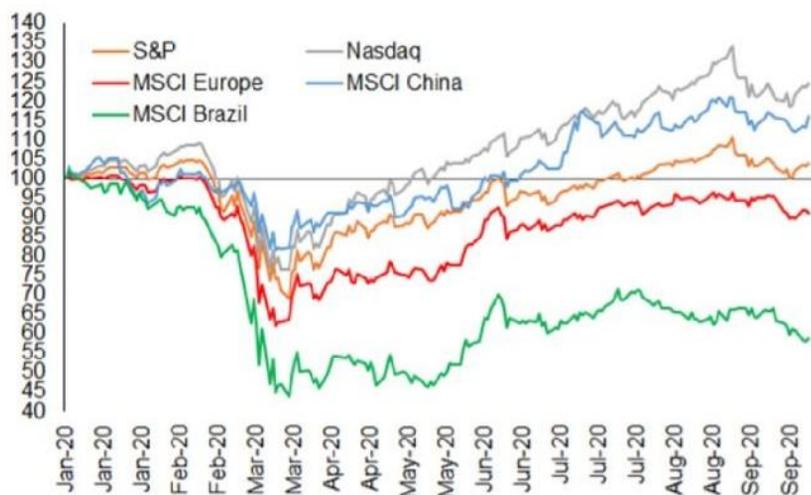
BOLSAS GLOBAIS

Setembro mostrou uma reversão do movimento de recuperação dos mercados, com uma realização puxada pela Nasdaq, bolsa americana de tecnologia.

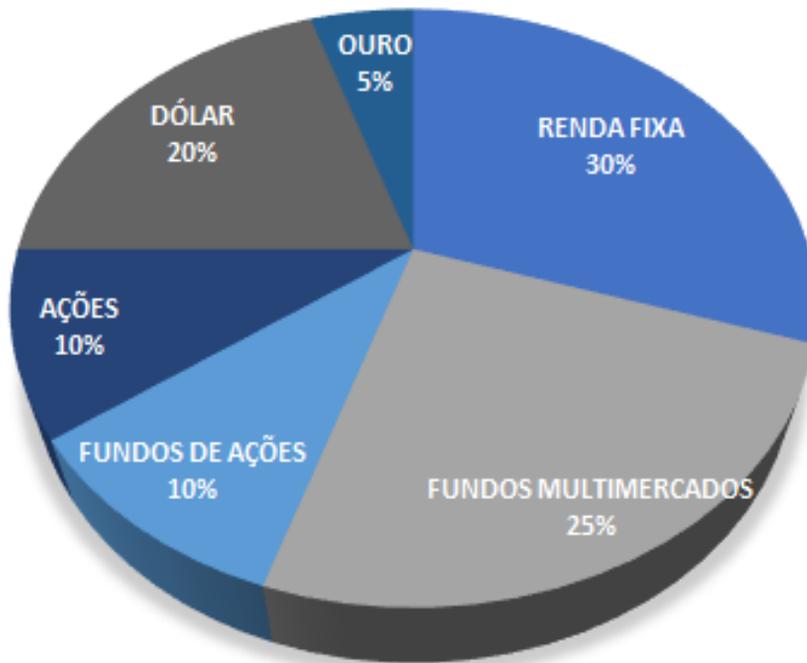
O índice tinha se recuperado muito fortemente nos meses anteriores, pelo que era esperado que um ajuste.

Além disso, houve uma reaceleração do número de casos de coronavírus na Europa, e a proximidade das eleições americanas, que faz com que os investidores tenham menos apetite a risco.

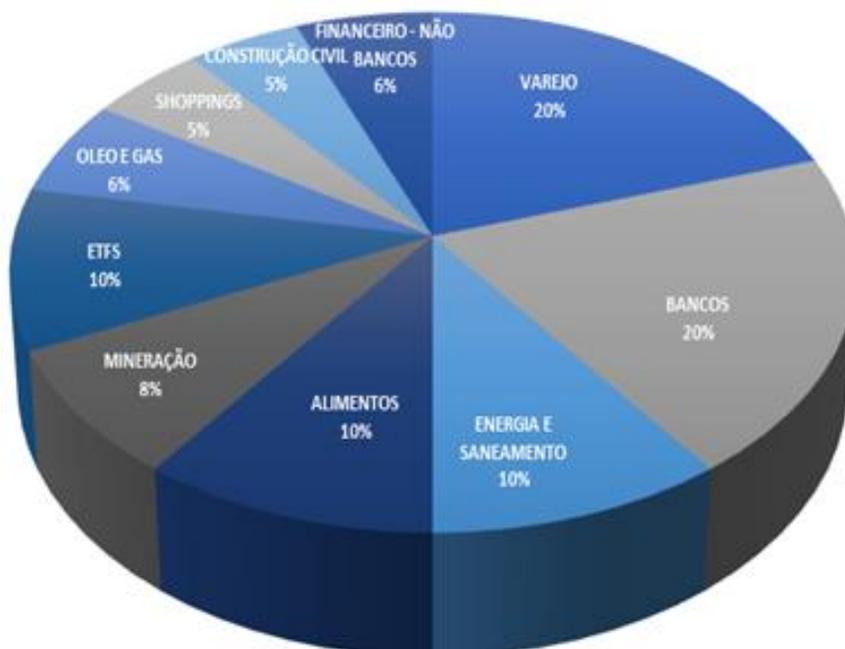
No Brasil, os estímulos via transferência de renda têm resultado em surpresas positivas na recuperação dos indicadores de atividade, mas pesam sobre os mercados preocupações em relação à situação fiscal do país, como a fonte de financiamento do Renda Cidadã e o respeito ao teto de gastos.



PORTFOLIO SUGERIDO



ALOCÇÃO SETORIAL



POTENCIAL DE VALORIZAÇÃO

ATIVO	TARGET	ÚPSIDE ↓
MINERVA	20,00	77,80%
SANEPAR	43,00	70,40%
BRADESCO	33,00	68,00%
VIA VAREJO	28,00	61,80%
EZTEC	55,00	54,60%
PETROBRAS	29,00	52,50%
B3	81,00	52,10%
ITAU	32,00	41,70%
MARFRIG	21,00	40,60%
VALE	78,00	33,70%
ENERGIAS DO BRASIL	23,00	31,40%
MAGAZINE LUIZA	107,00	21,50%
NATURA	59,00	20,60%

ANÁLISE FUNDAMENTALISTA

- **ALIMENTOS** - O setor de alimentos e bebidas reage melhor em períodos conturbados como o atual, devido a consistência de suas operações. Além disso, acreditamos que os frigoríficos serão beneficiados da peste suína africana que atinge os abatedouros chineses desde 2019, fazendo com que a China tenha que importar cada vez mais proteínas do Brasil. A Marfrig e Minerva ainda se beneficiam de um dólar valorizado.
- **BANCOS** - Sugerimos uma exposição relevante em ações dos grandes bancos brasileiros, pois entendemos que foram descontados em excesso durante o mês de março, e acreditamos que possuem um grande potencial de valorização com a retomada das atividades econômicas após a pandemia. Também acreditamos que o setor financeiro como um todo apresente bons resultados referentes ao 3º trimestre de 2020, confirmando a percepção de retomada em "V".
- **DÓLAR** - Sugerimos uma alocação relevante em dólar, já que acreditamos que a moeda americana continue se apreciando no curto prazo. Mantemos a percepção de dólar forte até pelo menos o fim do ano de 2020. Grande parte dessa elevada cotação é explicada pela Selic, que está estruturalmente baixa, enfraquecendo o real, além dos temores com a situação fiscal do país.
- **FINANCEIRO – NÃO BANCOS** - Selecionamos a B3 para representar o setor, já que a empresa vem apresentando bom desempenho, com altos volumes transacionados nos mercados, decorrentes da forte volatilidade. Além disso, o seu sólido desempenho financeiro e forte geração de caixa, continua garantindo bons retornos em suas ações. Outro fator de atenção, sendo positivo para seu negócio e o retorno dos IPO.
- **FUNDOS MULTIMERCADOS** - Sugerimos fundos das maiores gestoras do país, cuja performance foi excepcional nos últimos meses devido à pandemia de coronavírus. Todos os fundos sugeridos estão protegidos da tendência de desvalorização da moeda brasileira, possuem portfólios extremamente equilibrados e se expõe a renda variável através de Long & Shorts, protegendo o portfólio em momentos de quedas bruscas.
- **IBOVESPA** - Em nossa visão, o principal índice da bolsa brasileira, permanece em uma zona de congestão, com uma rotação entre setores. Mantemos uma visão cautelosa porém otimista, com algumas posições em empresas dolarizadas e defensivas e outras mais voláteis, com forte potencial de valorização. Para a temporada de resultados do 3º trimestre, esperamos resultados fortes de alguns setores, confirmando a retomada econômica em "V".

ANÁLISE FUNDAMENTALISTA

- **OURO** - Devido ao cenário conturbado atual, sugerimos uma alocação em ouro, já que não descartamos que os mercados passem por mais um período de estresse, motivado pela incerteza trazida pelo coronavírus.
- **PETRO E VALE** - Sugerimos também uma alocação relevante nas ações da Petrobras e Vale, já que ambas apresentam potencial de valorização relevante, *track record* extenso, alta liquidez e acreditamos que as companhias serão fortemente beneficiadas da retomada da economia brasileira.
- **RENDA FIXA** - Seleccionamos o fundo da Trópico para proporcionar liquidez ao portfólio, o fundo da AZ Quest que apresenta boa performance com volatilidade baixa investindo em títulos públicos, o fundo da Artesanal devido a performance excepcional aliada a baixíssima volatilidade e o fundo da ARX de debentures, já que acreditamos que o mercado de crédito privado no Brasil irá se recuperar do estresse observado em abril, gerando retornos expressivos atrelado ao baixo risco de crédito.
- **SANEAMENTO E ENERGIA** - Também seleccionamos empresas dos setores de saneamento e energia elétrica, pelo perfil mais defensivo, protegendo a carteira em períodos mais conturbados.
- **SHOPPINGS E CONSTRUÇÃO CIVIL** - Os dois setores foram extremamente descontados pelo mercado, devido ao pânico e incerteza gerada pelo coronavírus e acreditamos que possuem potencial de valorização relevante no médio e longo prazo. Entendemos que o risco retorno é extremamente favorável, já que não acreditamos em desvalorizações muito expressivas no curto prazo. Além disso, os dois setores são extremamente beneficiados pela Selic baixa.
- **SMALL CAPS** - Neste momento, acreditamos que a exposição a *Small Caps* deve ser majoritariamente realizada através do ETF SMAL11, que apresenta valorização de 394% desde sua criação em 2008, bem acima dos 171% do Ibovespa no mesmo período.
- **VAREJO** - Também acreditamos que o varejo irá performar bem, principalmente a partir do final de 2020, devido a uma demanda reprimida devido ao isolamento social. Além disso, acreditamos que as maiores e mais sólidas varejistas serão fortemente beneficiadas no longo prazo, devido à dificuldade que as concorrentes de menor porte irão enfrentar.

ÍNDICES DE MERCADO

NOME	Valor 30/set	Variação setembro	Variação 2020	Variação 12 M
Petróleo WTI	40,22	-5,6%	-34,1%	-37,1%
Ouro	1.885,82	-4,2%	24,3%	46,9%
Euro	1,1721	-1,80%	4,5%	4,5%
Libra	1,2920	-3,4%	-2,5%	-0,9%
Yen	105,4800	0,4%	3,0%	5,6%
Real	5,6103	-2,1%	-28,3%	-30,1%
CDI	1,91%	0,16%	2,28%	3,50%
Dólar	5,6404	3,0963%	39,95%	36,30%
Ibovespa	94.603,38	-4,80%	-18,20%	-6,46%
S&P 500	3.3363,00	-3,9%	4,1%	14,2%

Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que dependemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.



AWARE INVESTMENTS

+55 (21) 3993.7680 | 3497.9028

+55 (21) 99553-9239

contato@awaregestao.com

www.awaregestao.com